



GUAIRACÁ REVISTA DE FILOSOFIA

PLATÃO REVISITADO: UM RESGATE DO IDEALISMO COMO FUNDAMENTO DA LÓGICA HUSSERLIANA NAS LOGISCHE UNTERSUCHUNGEN

ALEX RIBOLLI,¹

ABSTRACT:

This paper intends to show how Platonic doctrines influenced the development of the Logical Science, namely, how Plato is recalled in order to one supplies an old-new grounds to Logic in nineteenth century, period of materialism's high growth. The paper, thus, divides into two sections: initially, one returns to previous centuries (XVII and XVIII) in order to trace the causes of modern materialism back, whose prestige reaches out to the so-called exact sciences, as well as to put the problem in a historical perspective. Secondly, one shows how, in spite of its growing, materialism faced much resistance, of which Edmund Husserl is perhaps the biggest (Neoplatonic) countenance. In conclusion, one evinces that the upsurging of platonism, in the context of the Materialismusstreit, is nothing more than the continuity of the historical debate, dominant in the scientific-philosophical scene, between idealism and materialism.

Keywords: Materialism. Platonism. Logic. Edmund Husserl.

1. Universidade do Vale do Rio dos Sinos

RESUMO:

Esse artigo pretende mostrar como as doutrinas platônicas influenciaram o desenvolvimento da ciência lógica, a saber, como Platão é rememorado a fim de se fornecer um novo antigo fundamento para a Lógica no século XIX, período de intenso crescimento do materialismo. O artigo, assim, divide-se em duas secções: inicialmente, retorna-se aos séculos anteriores (XVII e XVIII) a fim de rastrear as causas do materialismo moderno, cujo prestígio estende-se às assim chamadas ciências exatas, bem como de colocar em perspectiva histórica o problema. Em segundo lugar, mostra-se como, apesar de seu crescimento, o materialismo sofreu grande resistência, da qual Edmund Husserl seja talvez sua maior expressão (neoplatônica). Em conclusão, evidencia-se que o ressurgimento do platonismo, no contexto do *Materialismusstreit*, nada mais é do que a continuidade do histórico debate, dominante no cenário científico-filosófico, entre idealismo e materialismo.

Palavras-chave: Materialismo. Platonismo. Lógica. Edmund Husserl.

1. A CONSTRUÇÃO DA CIÊNCIA MODERNA COMO ORIGEM DO TAMBÉM MODERNO MATERIALISMO

No âmbito da historiografia do pensamento científico, conquanto haja, do ponto de vista analítico, divergências quanto à natureza do advento da ciência moderna, há, do ponto de vista factual, convergências quanto a seus aspectos temporais, locais e pessoais. Se, por um lado, Pierre Duhem² e Paolo Rossi³, por exemplo, interpretam respectivamente a ciência moderna ou como “continuidade” ou como “ruptura” com a ciência herdada da Idade Média, ambos, por outro, descrevem o empreendimento científico moderno como um fenômeno essencialmente europeu que cresce em musculatura sobremaneira a partir do século XVII nos nomes de, entre outros, Kepler, Galileu, Bacon, Vico, Descartes, Leibniz, Pascal, Gassendi, Huygens e, obviamente, Newton.⁴

2 DUHEM, Pierre. *Le système du monde, histoire des doctrines cosmologiques de Platon à Copernic*. 10 vols. Paris: Hermann, 1913 a 1959.

3 ROSSI, Paolo. *O nascimento da ciência moderna na Europa*. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2001.

4 Estamos cientes de que duas visões como as apresentadas não esgotam o debate acerca dos movimentos com que a ciência apresenta-se-nos atualmente. Não ignoramos, portanto, a visão (sob o aspecto analítico) que se pode chamar de heterodoxa que se atribui, por exemplo, a Paul Feyerabend, segundo quem o progresso científico tem caráter anárquico e cujo único princípio é “tudo vale”, sintetizado por Brecht no dístico *Ordnung ist heutzutage meistens dort, wo nichts ist. Es ist eine Mangelscheinung*. Leia-se, a esse respeito, a introdução ao livro “Contra o Método”. De todo o modo, Feyerabend também se alinha aos outros filósofos e historiadores da ciência sob o aspecto factual. FEYERABEND, Paul. *Contra o Método*. São Paulo: Editora Unesp, 2011. pp. 31-36.

Converge-se também no sentido de que, sendo uma continuidade ou sendo uma ruptura, a ciência de então ganha uma nova dimensão a partir da adoção de um novo aparato conceitual e instrumental, o que ocorre no marco de intensas alterações entre os autores acima mencionados. É eloquente exemplo disso a discussão travada entre as físicas cartesiana, leibniziana e newtoniana, de cujo embate saiu vitoriosa a última. O êxito da física newtoniana se dá em contexto de princípios de definição e separação entre filosofia, enquanto pertencente às *Geisteswissenschaften*, e física, enquanto pertencente à *Naturwissenschaft*, distinção estranha à época, quando ambas eram tratadas, juntas, sob o epíteto de “filosofia natural”. Tal triunfo, o êxito newtoniano sobre cartesianos e leibnizianos, explica-se por algumas razões – das quais, em última análise, decorre o materialismo.

As físicas de Descartes e Leibniz diferiam em muitos e importantes aspectos, sobretudo, a saber, na explicação, mas não na fundamentação, correspondente ao espaço e ao tempo. O espaço cartesiano, em resumo, consiste na disposição e relação entre os corpos, considerados como substâncias absolutamente distintas das almas. Enquanto a alma é uma substância puramente imaterial e intangível, cuja principal característica é o pensar (*res cogitans*), o corpo é uma substância material e tangível, cuja principal característica é a ocupação de um espaço (*res extensa*). O dualismo cartesiano, ao tornar incomunicáveis essas duas substâncias (afinal, o que pensa não ocupa um lugar no espaço, e o que ocupa um lugar no espaço não pensa), é uma diatribe contra “forças ocultas” e uma redução do mundo físico à geometria. Se o corpo se resume à extensão, então um corpo, para Descartes, resume-se a características puramente geométricas: não são qualidades intrínsecas e orgânicas, mas quantidades extrínsecas e mecânicas que determinam um corpo e o diferenciam de outro. A subsunção da física à geometria, pela via da redução do corpo à mera extensão, permitiu não só o banimento do oculto e da especulação, mas a matematização e a quantificação das relações entre os corpos. Trata-se de um dos primeiros passos em direção ao mecanicismo.⁵

Alma e corpo cartesianos são as substâncias que, enquanto objetos de análise, pertencem respectivamente à metafísica e à física. A física, redutível à geometria, trata, considerando que o corpo é redutível à extensão, do espaço. Os corpos, contudo, relacionam-se e, ao relacionarem-se, movimentam-se. O movimento institui o tempo, e, com o tempo, institui-se plenamente a física. Considerando que o movimento torna perceptível o tempo e considerando que o corpo cartesiano é

5. Inegavelmente há expressões “mecanicistas” antes, e muito antes, de Descartes, das quais a mais próxima no tempo talvez Thomas Hobbes. Embora não seja o primeiro mecanicista, bem como seu mecanicismo seja diverso dos outros autores ao lado dos quais aqui ele é comparado, Descartes desempenha um papel muito mais importante no desenvolvimento do mecanicismo que seus antecessores. Como antecipado, o mecanicismo de Descartes é diverso daquele de outros autores, e.g., Isaac Newton. Isso indica que o termo “mecanicismo” é um tanto polissêmico, aqui utilizado para significar não só o conjunto das teorias desses autores, mas também as teorias ou tentativas de explicar o mundo a partir de leis mecânicas, materiais.

uma substância sem predicados que não os geométricos (tamanho, forma, figura), a dinâmica entre os corpos cartesianos só é possível através do contato. A análise do tempo, em Descartes, é um segundo passo em direção ao mecanicismo: se se reduziu a substância corpórea ao espaço, reduzem-se, agora, as causalidades aristotélicas à causalidade eficiente apenas.

A física leibniziana, tanto em suas primeiras formulações como em sua fase mais madura, também é mecanicista, porém espaço e tempo não se referem, como em Descartes, ao corpo somente, mas, em última instância, a uma outra substância, para a qual ele dá o nome de “mônada”. A disposição dessas substâncias, as mônadas, vai garantir o espaço leibniziano, enquanto que de suas relações derivará o tempo. A aparição de nova substância na física de Leibniz não elide a presença dos corpos; estes, todavia, não se cingem à geometria, em termos de espaço, e tampouco ao contato e à causação eficiente, em termos de tempo. Os corpos leibnizianos não são algo de diáfano e vazio, visto que a eles pertence uma natureza endógena: a força. Uma nova concepção de corpo implica uma nova concepção de tempo, de cuja análise conjunta, a dinâmica, segue-se uma refutação aos princípios cartesianos.⁶

Se o corpo não mais é identificado com a extensão porque a ele pertence a qualidade “força”, então, ao contrário do que pensava Descartes, a física não mais deve ser explicada em termos puramente geométricos. Isso porque, em primeiro lugar, a noção de “extensão” é insuficiente para definir a essência do corpo, uma vez que a extensão, por si só, não pode constituir a essência de algo, mas apenas se referir casuisticamente a alguma qualidade que seja extensa. Em segundo lugar, dado que para cartesianos o corpo pode ser infinitamente dividido, então ele não pode ter a propriedade geométrica da forma, pois a forma exige extensão, de modo que, não se podendo ter algo extenso sem forma, então a extensão não constitui a essência do corpo. Em terceiro lugar, somos levados ao que Daniel Garber chama de “argumento agregado”, sumariado na expressão leibniziana segundo a qual “what is not truly one being is not truly one being either”,⁷ ou seja, corpos extensos devem ser constituídos de unidades que não se esgotam na mera extensão. Em quarto lugar, dado que para Descartes o corpo não é mais do que extensão, então todo corpo ocupa um espaço, logo não pode haver espaço vazio, o que consiste no plenum cartesiano – a uniformidade perfeita de matéria a locupletar o espaço. Ora, se o mundo é pleno, e pleno de matéria corpórea uniforme, então não é possível que haja mudança e, portanto, tempo; afinal, se nenhuma porção de matéria deve “differ from equal and congruent portions of matter, and if one momentary state were to differ from another in virtue of the transportation of equal and interchangeable portions of matter alone, portions of matter in every way identical”, então se segue que “in

6 GARBER, Daniel. Leibniz: physics and philosophy. In: JOLLEY, Nicholas. The Cambridge Companion to Leibniz. New York: Cambridge University Press, 1998. pp. 273-283.

7 Id., 1998, p. 285

the corporeal world there can be no way of distinguishing different momentary states from one another".⁸

O princípio da constância e da conservação do tempo cartesiano, segundo o qual a quantidade de movimento é produto do tamanho multiplicado pela velocidade, também é rejeitado por Leibniz por conduzir a um paradoxo. A soma de todos os tamanhos multiplicada pela soma de todas as velocidades resulta em uma constante gerada e mantida por Deus. Esse princípio de conservação, no entanto, conduz a um problema matemático. Por exemplo, se o movimento gerado por um corpo para elevar-se conserva-se, então não é o produto do tamanho multiplicado por velocidade que se conserva, mas o tamanho multiplicado pelo quadrado da velocidade. Em outras palavras, nem tamanho e nem velocidade, e tampouco o produto decorrente dessas grandezas, podem conceber ou antever o movimento de um corpo em um dado tempo futuro t ; como, porém, o corpo concebe tal movimento e portanto movimenta-se em dado tempo t , então ele tem algum predicado que não é meramente geométrico, predicado ao qual Leibniz dá o nome de "força".⁹

Não é propósito deste artigo defender Leibniz em face de Descartes, mas de traçar cronologicamente ao menos um desenvolvimento importante no âmbito da nascente física moderna, contemplada inclusive em verbetes da Enciclopédia de D'Alembert¹⁰, apontando para o fato de que, embora radicais, ou seja, embora mecanicistas, Descartes e Leibniz ainda se comprometiam com suas metafísicas, sobre as quais suas físicas se apoiavam e em razão das quais estas últimas, ainda que mecânicas, diferenciavam-se entre si. Anteriormente, foi dito que a explicação, mas não a fundamentação, de Descartes e Leibniz para espaço e tempo era diversa. Isso se explica pelo fato de que, em que pesem as diferenças no âmbito de suas físicas, estas repousam sobre uma crença comum a ambos de que elas devem se fundamentar sobre a metafísica. Essa semelhança entre Descartes e Leibniz, que os distancia igualmente de um autor mais radical como Newton, deriva de outras similitudes: (1) tanto Descartes quanto Leibniz compartilham a ideia de ciência, e movimentam-se sobre ela, em seu sentido clássico, ou seja, ciência é conhecimento (ou conjunto de conhecimentos) de natureza universal e necessária que apresenta razões e fundamentos, não apenas descrições; e (2) a eleição do método matemático-dedutivo como modelo epistemológico.

Isaac Newton, portanto, não se compromete com alguma metafísica, nem mesmo própria, e não se compromete porque ele opera sobre um novo conceito de (fazer) ciência que não lhe demanda uma fundamentação, buscada na metafísica por Descartes e Leibniz, que garanta universalidade e necessidade. Em vez de uma

8 Id., 1998, p. 286

9 Id., 1998, pp. 284-286.

10 D'ALAMBERT, Jean le Rond; DIDEROT, Denis. Enciclopédia, ou dicionário razoado das ciências, das artes e dos ofícios. Volume 3: Ciências da Natureza. São Paulo, Editora Unesp, 2015. pp. 94-99, 115-118.

fundamentação, exigida por necessidade e universalidade, Newton limitar-se-á à constatação e à descrição, nos estreitos limites da contingência e da particularidade. No lugar, assim, de um grande edifício metafísico, Newton não propõe senão um voto humilde de não levantar hipóteses: *hypotheses non fingo*. O corolário desse escólio geral, no quadro de uma substituição do “por quê?” pelo “como?”, conduz a outra substituição que diz respeito ao objeto da ciência, e essa substituição é muito bem traduzida pela sua primeira lei, o princípio de inércia.

A lei de inércia afirma que todo corpo conserva seu estado de repouso ou de movimento retilíneo uniforme a não ser que atuem sobre ele forças externas que o façam mudar de estado. Bem compreendido esse princípio, dado que o movimento retilíneo uniforme é um estado natural e original do corpo, então não mais é necessário perguntar, e tampouco explicar, pela causa exordial do movimento. Aqui, ao contrário de em Aristóteles, o movimento está dado e pressuposto, portanto o que demanda explicação é sua mudança: qual a natureza e qual a causa da mudança de movimento? Mecânica, a resposta é também dupla: ou pela força qua impactu ou pela força qua gravidade. Se a força explica a alteração do movimento e se a força se manifesta pelo impacto entre pelo menos dois corpos diferentes, então a relação entre os corpos só pode ser visualizada e determinada empiricamente – apenas a análise a posteriori e conjunta dos corpos/objetos, em detrimento de uma análise a priori e isolada de um dos objetos, é possível.¹¹

Fica claro agora em que medida Newton é um autor mais radical – e mecanicista – que Descartes e Leibniz, bem como fica claro que essa radicalidade é desdobramento das três diferenças essenciais, já mencionadas anteriormente, entre as físicas destes e daquele. Já que Newton atém-se a descrever fenômenos em vez de dar a eles um fundamento, ele não apenas não se vincula a determinada metafísica como também, ipso facto, introduz um novo modo de fazer ciência que, em terminologia kantiana, desloca-se da universalidade e necessidade para a particularidade e contingência. Esse deslocamento entre um modo, por assim dizer, “clássico” de fazer ciência para um modo “moderno” é acompanhado de um novo método: não mais o dedutivo-matemático, de que se valiam Descartes e Leibniz, mas o experimental. Havia, entre esses três autores, concordância e confiança na matemática e no papel que ela desempenhou no desenvolvimento da ciência. Havia, contudo, discordância quanto à abordagem e à aplicabilidade da matemática: se Descartes e Leibniz a tomavam como modelo epistemológico, cujo sucesso decorreria de seu método de estabelecer verdades apodícticas e daí derivar conclusões, Newton a toma como ferramental técnico e reorienta sua aplicabilidade. Newton havia percebido que a matemática, tal como havia sido recepcionada em sua época, não poderia, por si só, legitimar uma teoria, ou seja, seria possível a

11 CAPALDI, Nicholas. David Hume: the newtonian philosopher. Boston: Twayne Publishers, 1975. pp. 54-55

coexistência de diversas teorias, articuladas matematicamente, que, partindo de determinadas premissas, conflitassem entre si. O que tornaria uma teoria legítima, portanto, é seu êxito na sujeição a testes e rigorosa observação. É essa dimensão prática, de caráter experimental, que possibilitou Newton, a partir de método e fórmulas matematizáveis simples, explicar uma ampla gama de fenômenos físicos.¹²

Desse delineamento do quadro geral da ciência, dentro da qual estão compreendidas as leis de Newton como marco da passagem definitiva para uma nova concepção de ciência, é possível derivar ao menos seis conclusões, as mesmas a que chegaram pensadores sucessivos, de tendência cada vez mais mecanicista, empirista e materialista. Em primeiro lugar, o objeto da ciência não são mais as substâncias em si, mas as relações fenomênicas entre as coisas. Em segundo lugar, não há mais necessidade de uma causa primeira e primeva de por que as coisas existem. Uma terceira consequência diz respeito ao fato de que, considerando que a mudança ocorre somente através de força comunicada por objeto externo, nenhum exame pode revelar potência, necessidade ou essência que sejam intrínsecas ao objeto, e portanto não há causa formal. Uma quarta consequência é que, considerando que a mudança ocorre somente através de força comunicada por objeto externo, nenhum exame de objeto isolado pode nele revelar potência para ser um “primeiro motor” em relação a outro, e portanto a causação eficiente só se revela na relação entre objetos e de modo empírico. Dada essa quarta conclusão, a quinta trata da impossibilidade de assumir que uma causa eficiente *x* tenha a mesma natureza ou “essência” do efeito *y*. Por fim, se o repouso não é mais do que o movimento o estado universalmente natural, então não há fim a ser atingido, e portanto não há causa final.¹³

O projeto moderno de reformar a ciência, de que é tanto efeito como pressuposto o desmantelamento da metafísica aristotélica, dava assim um passo decisivo para sua consolidação. A consolidação da nova ciência, como desdobramento do sucesso da mecânica, por sua vez, conduziu-a a uma época de otimismo com colorido mecanicista. Esse otimismo tem uma dimensão epistêmica, porque a ele corresponde um pessimismo existencial tanto posterior, no nome de Arthur Schopenhauer, como também coevo a Descartes, no nome de Pascal, para quem “Le silence éternel de ces espaces infinis m’effraie”.¹⁴ O mecanicismo, plasmado nas conclusões acima, pode ser entendido, como ensina Andrew Pyle, como a teoria ou a tese segundo a qual todos os fenômenos naturais podem – ou, mais do que isso, devem – ser descritos a partir apenas de leis ou princípios fundamentais da

12 CASSIRER, Ernst. *The Philosophy of the Enlightenment*. Princeton: Princeton University Press, 2009. pp. 7-12.

13 CAPALDI, Nicholas. *David Hume: the newtonian philosopher*. Boston: Twayne Publishers, 1975. p. 55

14 PASCAL, B. *Pensées*. Édition présentée, établie et annotée par M. Le Guern. Paris: Gallimard Folio, 1977. p. 99.

matéria e de seu movimento.¹⁵ Esses princípios não se exaurem canonicamente na obra *Principia*, mas são transmitidos e então adaptados pelas gerações seguintes a Newton, das quais Leonhard Euler e Josiah Willard Gibbs são apenas dois de uma plêiade de nomes, aqui escolhidos a esmo em uma escala cronológica, que ou tentam fazer da mecânica uma disciplina autônoma e axial (Euler) ou que nela fazem inserir novas grandezas, como as termodinâmicas, e novas funcionalidades, como a notação vetorial (Gibbs).¹⁶

Sobre os escombros da “física metafísica” aristotélica erigiu-se o novo edifício científico. Do anterior segue-se que o oculto e a especulação dão lugar ao tangível e à constatação, de modo que o mecanicismo apresenta-se como corrente filosófica que propõe que todos os fenômenos físicos são redutíveis à matéria e ao seu movimento. Há, aqui, um claro intercâmbio entre mecanicismo e materialismo no contexto desse otimismo científico, ao qual Ernst Cassirer dedica análise rigorosa a que se pode remeter o leitor.¹⁷ Limitamo-nos, dada a estrutura também limitada do artigo, a afirmar que tal relação, entre mecanicismo e materialismo (e física), fez-se sentir na história, relação essa de cujos contatos desencadeou-se na Alemanha o que se convencionou chamar de *Materialismusstreit*, do qual se falará em breve.

Para fins didáticos, tanto de ordem temática quanto de ordem histórica, seguimos o professor Porta e diferenciamos os conceitos de “mecânica”, “mecanicismo” e “materialismo” como segue. Muitas vezes confundidos, “mecânica” e “mecanicismo” se distinguem, embora se correlacionem: (1) no tempo (ordem histórica), a mecânica precede o mecanicismo, porque, para haver mecanicismo, é necessária a mecânica; a recíproca não é verdadeira; e (2), na ordem temática, mecânica significa uma teoria científica, “um conjunto ordenado de leis que procuram descrever uma esfera de fenômenos”, ao passo que o mecanicismo se traduz em uma “ontologia, e uma ontologia tal que pode ser caracterizada como reducionista: trata-se de proceder segundo o esquema ‘no fundo tudo se reduz a (ou não é mais que) fenômeno mecânico’”.¹⁸ O mecanicismo é produto da mecânica, ou, melhor colocado, é produto do otimismo depositado na mecânica pelo fato de esta ter sido exitosa (pelo menos até o advento de Maxwell) na explicação e articulação de uma ampla gama de fenômenos. Por essa razão o mecanicismo, enquanto ontologia, depende e diferencia-se da mecânica, enquanto disciplina e teoria: ele é uma tentativa de reduzir a totalidade da realidade, inclusa portanto a física, à mecânica. E essa diferenciação se torna ainda mais saliente pelo fato de que o êxito dessa tentativa, como lembra

15 PYLE, Andrew. *Atomism and its Critics: From Democritus to Newton*. Bristol: Thoemmes Press, 1997.

16 PIRES, Antonio. S. T. *Evolução das ideias da Física*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2008. pp. 227-228.

17 CASSIRER, Ernest. *Das Erkenntnisproblem in der Philosophie und Wissenschaft der neueren Zeit*. V. IV: Von Hegels Tod bis zur Gegenwart (1832-1932). Stuttgart: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1957.

18 PORTA, Mario A. G. *Estudos neokantianos*. São Paulo: Loyola, 2011. p. 79.

Porta, não implicaria o triunfo do mecanicismo, mas o malogro e a impossibilidade dessa redução diante das equações de Maxwell representaram a impossibilidade mesma de tal ontologia e assinalaram “historicamente o declínio do mecanicismo” – o qual “em última instância, é uma variedade do materialismo”.¹⁹

O mecanicismo ter fracassado não implica, precisamente por serem coisas distintas, que a mecânica ou a ciência fracassou. Ao contrário, o avanço científico foi uma constante, e essa constante se explica não apenas pelo avanço da mecânica em termos conceituais e tipológicos, mas também pelo seu avanço em termos de inventividade na criação de aparato ferramental sem paralelo em tempos mais vetustos. Segundo Rossi, a criação de máquinas, mobilizadas para a investigação científica, tem sentido até mesmo etimológico, a veicular uma concepção de mundo totalmente nova, porquanto “máquina” deriva do grego *mechanel*, a saber, uma visão de mundo de um mundo como aparelho, como “relógio” articulado através de engrenagens, que nada mais são do que matéria, movimento e suas partículas.²⁰ Um mundo como máquina, ao qual um autômato hobbesiano pode fornecer a melhor ilustração, implica um mundo que pode ser manipulado e manipulado a partir de instrumentos de mesma natureza, de “maquinários”. Resulta dessa ciência artificializada, e de sua visão de mundo correspondente, a criação de novos artifícios e artefatos que unificam a “realidade” e podem ser “aplicáveis a todos os (seus) aspectos: não só ao mundo da natureza, mas também ao mundo da vida, (...) à esfera das percepções e dos sentimentos”, isto é, “o terreno de investigação da fisiologia e psicologia”.²¹

Para um autor insuspeito como Charles Taylor, essa “revolução científica”, que atinge “as raias do materialismo em sua explicação do ser humano e da sociedade”, deixa-se explicar por uma mudança nas “categorias básicas do self”. Uma nova concepção de subjetividade em busca de emancipação, e tanto catalisadora como beneficiária dessa revolução epistemológica, leva a uma nova concepção de objetividade. A derrubada da distinção entre os planos supralunar e sublunar, decorrente do sucesso na explicação unificada de diversos fenômenos celestes e terrenos, é origem de uma objetividade não só dessacralizada mas também homogeneizadora, em que todas as coisas, o homem incluso, devem ser explicados “como construções resultantes dos mesmos constituintes básicos”:²² com os mesmos princípios e fórmulas, amparados por substrato tecnológico, explicam-se quaisquer fenômenos. O mundo, a objetividade, não é mais uma “ordem platônica-pitagórica de significados”, mas uma teia de fatos e relações contingentes, dos quais o homem

19 Id., 2011, p. 80.

20 Id., 2001. pp. 172-173.

21 Id., 2001, p. 176.

22 TAYLOR, Charles. *Hegel: sistema, método e estrutura*. São Paulo: É Realizações, 2014. pp. 24-28.

é apenas mais um objeto. É o mundo de uma época batizada por Heidegger como *Die Zeit des Weltbildes*.²³

2. O PROBLEMA DA FUNDAMENTAÇÃO DA LÓGICA NO CONTEXTO DO MATERIALISMUSSTREIT: PLATÃO E AS LOGISCHE UNTERSUCHUNGEN DE HUSSERL

O percurso histórico traçado até aqui, de caráter metafilosófico, permite-nos seccionar ao menos dois grandes momentos históricos que correspondem, também para Taylor, a duas visões de mundo, às quais, por conseguinte, vinculam-se duas noções distintas de subjetividade: (1) uma visão cósmica de ordem de significados, suplantada por (2) uma visão autodefinitória. Ao primeiro tipo pertence o sujeito cósmico, que se compreende como fragmento de um todo (ordenado) enquanto projeção antropomórfica. Ao segundo tipo pertence o sujeito autodefinitório, que se vê não como pertencente a uma ordem, da qual se afasta em busca de verdadeira compreensão, mas como, por isso mesmo, emancipado dela.²⁴ A independência do sujeito, aliada à ausência de causalidades original e final, torna-o dependente de um significado que ele próprio, sem referência a uma ordem precedente e transcendente, vai então definir como que inserido em um campo de contingências, cuja necessidade de mapeamento e domínio será suprida pelo aparato científico-tecnológico de que agora goza, responsável tanto pela homogeneização dos fenômenos como pela sua ascendência sobre a objetividade da qual outrora era mera parte. A alma não pertence mais à teologia do mesmo modo que a consciência não pertence mais à filosofia: ambas pertencem às ciências e às ciências empíricas e naturalizadas.

Desarticulada a ordem platônica em referência à qual o homem se significava, e agora cabendo a ele exclusivamente o preenchimento desse significado, o problema filosófico geral que se colocou e ainda se coloca desde então consiste em responder às seguintes perguntas: qual a natureza da subjetividade e qual a sua relação com o mundo?²⁵ No século XIX, e de modo especial na Alemanha, essas questões são contextualizadas pelo que se convencionou chamar de *Materialismusstreit*. A controvérsia em torno do materialismo fez inserir nesse quadro geral de problemas (a relação sujeito-objeto)²⁶ a pergunta sobre se a ciência moderna conduzia

23. HEIDEGGER, Martin. *Holzwege* (1935-1946). Frankfurt a.M: Vittorio Klostermann, 1950. pp. 81-85.

24 TAYLOR, Charles. *Hegel: sistema, método e estrutura*. São Paulo: É Realizações, 2014. pp. 26-28.

25 Id., 2014, p. 23.

26 O problema do que se pode chamar de “relação sujeito-objeto” é um problema, em verdade, que se deixa manifestar-se de diversas formas, sempre a retornar à discussão filosófica. O problema da relação entre causa e efeito, por exemplo, é de mesma natureza que o problema anterior, porque remete a uma questão ainda mais básica sobre a relação entre duas coisas ou eventos diferentes (*causa e efeito; sujeito e objeto*). Em Husserl, sobretudo em suas *Investigações Lógicas*, este mesmo metaproblema retorna e assume uma nova faceta: investigar o liame entre duas esferas distintas, a relação entre a subjetividade do conhecer e a objetividade do conteúdo do conhecimento. No prefácio à primeira edição da obra, há referência literal a tal problema:

necessariamente ao materialismo, definido por Frederick Beiser como “a doutrina que afirma que apenas a matéria existe e que tudo na natureza obedece apenas a leis mecânicas”.²⁷

Os aspectos pormenorizados do *Materialismusstreit* não comportam análise aqui. Importa saber que se trata de um processo histórico desencadeado pelo sucesso das ciências empíricas, as *Naturwissenschaften*, e que acompanha as reivindicações empiricistas por um lugar de destaque. Trata-se, em suma, de uma querela sem a qual “entenderemos muito pouco de filosofia alemã da segunda metade do século XIX”, cujas “ondas de choque reverberaram até o fim do século”,²⁸ o que ocorre, e só foi possível ocorrer, na esteira da *homogeneização* dos fenômenos estudados pelas ciências, cuja análise deveria ser submetida aos métodos empíricos. A controvérsia materialista é um evento histórico complexo, articulado sobre diversos embates (e portanto autores), mas, sobretudo, sobre o novo “paradigma ordenador da racionalidade”²⁹ – ensejado pelo avanço implacável da física, da biologia, da química, da fisiologia e da psicologia. Trata-se, portanto, da empiricização das ciências com a consequente materialização/naturalização dos fenômenos, com justeza sumariadas por Carl Vogt, um dos primeiros expoentes da referida querela, segundo quem “die Gedanken in demselben Verhältnis etwa zu dem Gehirn stehen, wie die Galle zu der Leber oder der Urin zu den Nieren”³⁰. É contra esse estágio da ciência, reduzida ao real e empírico, que se levantará, inicialmente, Hermann Lotze, com cuja interpretação de Platão, posteriormente, levantar-se-á também Edmund Husserl.

Hermann Lotze compreendia que o dilema ao qual fomos conduzidos pelo materialismo é um falso dilema porque parte de uma má compreensão do quadro geral das ciências, às quais se deve, por um lado, o reconhecimento e a confiança de que podem explicar quaisquer fenômenos, orgânicos e inorgânicos, do mundo natural, mas às quais não cabe, por outro, a investigação dos fenômenos valorativos para além do universo físico, a operar sobre leis de caráter material. Deve-se

“Da auf solche Weise meine ganze, von den Überzeugungen der herrschenden Logik getragene Methode - gegebene Wissenschaft durch psychologische Analysen logisch aufzuklären - ins Schwanken geriet, so sah ich mich in immer steigendem Maße zu allgemeinen kritischen Reflexionen über das Wesen der Logik und zumal über das Verhältnis zwischen der Subjektivität des Erkennens und der Objektivität des Erkenntnisinhaltes Gedrängt”. (Em tradução livre: “Assim, tendo em vista que todo o meu método, baseado em convicções da lógica dominante - para elucidar logicamente a ciência dada através de análises psicológicas - vacilou, vi-me cada vez mais envolvido em reflexões críticas gerais sobre a natureza da lógica e especialmente sobre a relação entre o subjetividade do conhecimento e a objetividade do conteúdo do conhecimento”). HUSSERL, Edmund. *Logische Untersuchungen*. Erster Band: Prolegomena zur reinen Logik. Ed. Elmar Holenstein. Husserliana XVIII. The Hague, Martinus Nijhoff, 1975. p.7.

27 BEISER, Frederick C. *Depois de Hegel: a filosofia alemã de 1840 a 1900*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2017. p. 65.

28 Id., 2017, pp. 65-66.

29 Id., 2017, p. 67.

30 VOGT, Carl. *Physiologische Briefe für Gebildete aller Stände*. Zweite vermehrte und verbesserte Auflage. Giessen: Ricker, 1853. p. 323.

reconhecer, portanto, que há dois grandes domínios, um de ordem “físico-material” e outro de ordem “anímico-valorativo”, que representam tanto as capacidades como os limites das ciências e da fé e da moralidade. Embora rejeitasse o dualismo legado pela querela materialista de que ou se assume um materialismo consequente ou se assume um salto de fé irracional, a resposta de Lotze a tal dualidade, apresentada de forma canônica em seu *Mikrokosmos*, levou a um novo dualismo que é precisamente o cisma entre o mundo natural e o mundo dos valores, cuja possibilidade de interação se tornava problemática dada a sua visão monista de mundo. A resposta de Lotze a tal problema consiste em seu “idealismo teleológico”: a natureza é uma unidade articulada sobre leis mecânicas, seus meios, e governada pela consecução do bem e do belo, seus fins. Essa *união na distinção* de ambas as esferas poderia então “uni-las porque o mecanicismo é a ferramenta das finalidades cósmicas e (poderia) separá-las porque os valores, sob a forma de propósitos ou fins, não são redutíveis ao mecanicismo”.³¹

A separação entre dois grandes “reinos” permite-nos focalizar em um deles, o dos valores, bem como na lógica, nosso foco temático, cujo livro homônimo de Hermann Lotze impactou de tal forma Husserl a ponto de ser um dos poucos autores positivamente nominados pelo pai da fenomenologia em suas *Logische Untersuchungen*. De modo especialíssimo, é o capítulo “O mundo das ideias”, dedicado à interpretação de Platão, que será bem recepcionado por Husserl. Uma boa compreensão do neoplatonismo do século XIX e, por extensão, da lógica husserliana demanda uma análise, ainda que sumária, do conceito lotzeano de *Geltung*, sem o qual tanto o movimento (neoplatonismo) como o autor (Husserl) ficariam desfigurados.

O conceito de *Geltung*, em tradução consagrada significando “validade”, é para Lotze uma forma, talvez a mais original delas, de “efetividade” (*Wirklichkeit*), ao passo que “efetividade” significa na interpretação lotzeana “proposição”. Ora, se *Geltung* diz respeito à validade de proposições, então *Geltung* é, como resume Fisetete, “uma forma lógica que vale apenas para a verdade de uma proposição e ela é, portanto, independente da existência das coisas no mundo externo e de estados mentais”, ou seja, a esfera da validade e da verdade é independente do que se chama “real em um sentido ontológico”. Nas palavras do próprio Lotze, “lastly we call a proposition really true which holds or is valid as opposed to one of which the validity is still doubtful”.³²

A interpretação do “mundo das ideias platônico” empreendida por Lotze, pela via da introdução do conceito de *Geltung*, permitiu que se distinguíssem os

31 BEISER, Frederick C. *Depois de Hegel: a filosofia alemã de 1840 a 1900*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2017. pp. 75-81.

32 FISETTE, Denis. Hermann Lotze and the genesis of Husserl’s early philosophy (1886-1901). *Apeiron Estudos de filosofia*, 3 (2015), p. 15.

elementos tipicamente subjetivos do pensamento e os elementos tipicamente objetivos dos conteúdos proposicionais. Enquanto os primeiros, de natureza empírica, estão submetidos à mutação e à degradação, os segundos, de natureza apriorística, permanecem *ipso facto* puros; enquanto os primeiros pertencem à psicologia, os segundos pertencem à lógica (aí incluídas as matemáticas). Por essa razão que “Plato’s world of eternal truths must necessarily take a propositional form insofar as propositions are the smallest unit of meaning and the only bearers of truth”.³³

Hermann Lotze, em um período histórico em que o materialismo era predominante, conseguiu oferecer inegavelmente uma boa resposta a alguns dos dilemas (materialistas) de sua época, graças à qual, uma vez garantida a independência da objetividade, Husserl pode avançar um pouco mais. De fato, embora haja inúmeras passagens em que reconhece Lotze como uma de suas inspirações platônicas, a quem atribui, por exemplo, o mérito de distinguir com clareza os reinos do ser (*Sein*) e do ser válido (*Gelten*), Husserl, simpático ao platonismo, criticava seu predecessor por precisamente não ter dado conta do problema da relação entre *sein* e *gelten*, entre a subjetividade e a objetividade.³⁴ Compreender, contudo, a dimensão platônica da lógica husserliana implica retornar ao materialismo e a sua influência na lógica; implica portanto sumariar a crítica de Husserl ao psicologismo, à luz da qual sua lógica pura é construída.

Demonstrou-se que o desenvolvimento da ciência moderna conduziu ao surgimento e ao estabelecimento do materialismo, do qual um dos maiores expoentes foi Carl Vogt, que bem epilogou o cânon materialista ao traçar um paralelo entre as relações (para ele de mesma natureza) entre os pensamentos e o cérebro, entre a bile e o fígado, entre a urina e os rins. O que Edmund Husserl entende por “psicologismo” nada mais é do que uma ramificação desse tronco comum: uma tentativa, ou um reducionismo, de subsumir a lógica à psicologia, cabendo a esta o papel de fundamento teórico daquela. É exemplar desse reducionismo a declaração de J. S. Mill, de acordo com quem “a lógica não é uma ciência separada da psicologia”, porque se trata de “uma parte ou um ramo da psicologia”, à qual a lógica “deve por inteiro os seus fundamentos teóricos”.³⁵

Há um compromisso empirista entre psicologismo e psicologia, que se manifesta, por exemplo, nas conceituações de “psicologia” conferidas por Husserl. Trata-se de uma ciência de fatos e da experiência modelar, compreendida ou como “ciência dos fenômenos psíquicos” ou “das vivências na sua dependência do

33 Id., 2015, p. 14.

34 Id., 2015, p. 13.

35 HUSSERL, Edmund. Logische Untersuchungen. Erster Band: Prolegomena zur reinen Logik. Ed. Elmar Holenstein. Husserliana XVIII. The Hague, Martinus Nijhoff, 1975; Zweiter Band, Erster Teil: Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis. Ed. Ursula Panzer. Husserliana XIX/I. The Hague/Boston/Lancaster, Martinus Nijhoff, 1984. p. 63.

indivíduo vivente”, ou como uma ciência “dos fatos da consciência” ou “dos fatos da experiência interior”, ciência à qual faltam leis puras exatas e da qual são extraídas generalizações da experiência e enunciados sobre regularidades de coexistência ou sucessão somente.³⁶ Dado o anterior, esse compromisso deixa-se observar não apenas pela tentativa de fundamentar a lógica na psicologia, mas também, como decorrência disso, pela interpretação de leis e princípios lógicos empreendida por autores psicologistas. Aqui, novamente, é Mill o arauto do psicologismo: os princípios da identidade e da contradição não são mais do que “nossas primeiras e mais imediatas generalizações da experiência”, fundadas na indução e portanto na probabilidade. As leis lógicas, resumirá Mill, são apenas “necessidades inerentes do pensamento”, uma “parte original de nossa constituição mental” ou “a estrutura inata da mente”, passíveis ou não de “alteração pela experiência”. Como observará Husserl, uma lei lógica como a da contradição, na concepção empirista-psicologista, consistirá na mera *incompatibilidade real de atos de juízo*.³⁷

Não é possível pormenorizar a refutação husserliana ao psicologismo (na lógica e na epistemologia). Seguindo o professor Mario Porta, podemos afirmar que tal refutação segue dois passos: (1) Husserl evidencia que o psicologismo leva a ou é necessariamente um relativismo; e (2), sendo um relativismo, o psicologismo é um ceticismo e, portanto, leva a ou é necessariamente um contrassenso (*Widersinn*). A refutação ao psicologismo, por sua vez, tem dois pressupostos, dos quais depende seu sucesso: (1) a lógica é considerada como uma disciplina autônoma em face das ciências empíricas e (2) essa autonomia deixa-se manifestar-se, entre outras coisas, por método próprio que não tem, por isso mesmo, caráter empírico-indutivo, de modo que “só uma concepção científico-natural da psicologia pode dar lugar ao psicologismo”.³⁸ Se a refutação ao psicologismo pressupõe a autonomia da lógica,

36 No excerto original, “Wie immer diese Disziplin nun definiert werden mag - ob als Wissenschaft von den psychischen Phänomenen oder als Wissenschaft von den Tatsachen des Bewußtseins, von den Tatsachen der inneren Erfahrung, von den Erlebnissen in ihrer Abhängigkeit von erlebenden Individuen oder wie immer sonstdarin besteht allseitige Einigkeit, daß die Psychologie eine Tatsachenwissenschaft ist und somit eine Wissenschaft als Erfahrung. Wir werden auch nicht auf Widerspruch stoßen, wenn wir hinzufügen, daß die Psychologie bislang noch echter und somit exakter Gesetze ermangelt, und daß die Sätze, die sie selbst mit dem Namen von Gesetzen ehrt, zwar sehr wertvolle, aber doch nur vage Verallgemeinerungen der Erfahrung sind, Aussagen über ungefähre Regelmäßigkeiten der Koexistenz oder Sukzession, die gar nicht den Anspruch erheben, mit unfehlbarer, eindeutiger Bestimmtheit festzustellen, was unter exakt umschriebenen Verhältnissen zusammen bestehen oder erfolgen müsse.” (Id., 1984, p. 72).

37 Id., 1984, pp. 89-91.

38 Reforçamos que a análise do artigo centra-se nas Investigações Lógicas e na concepção de “psicologismo” que ali se desenvolve. Há, e isso está pacificado entre comentadores, outras concepções de psicologismo na obra husserliana que se desenvolveram e mutaram-se ao longo do tempo. A título de exemplo, o citado professor Porta identifica ao menos sete momentos e tratamentos distintos de psicologismo em Husserl: 1894-1898, 1900, 1901-1902, 1903, 1906-1907, 1927 e 1936. (PORTA, 2013, P. 53-57).

essa autonomia, por outro lado, tem a dimensão da idealidade que faz de Edmund Husserl também um “neoplatônico”.

Husserl retoma o conceito clássico de ciência, desenvolvido desde pelo menos o Teeteto de Platão, e a considera portanto como um conjunto de conhecimentos de ordem explicativo-teorética com alcance universal e necessário. Ao tratar da lógica pura, por exemplo, Husserl faz referência à unidade da ciência como conexão de coisas e de verdades:

A ciência é por primeiro uma unidade antropológica, ou seja, uma unidade de ações e disposições do pensar, além de certas respectivas instituições externas. O que determina esta unidade como antropológica e sobretudo como psicológica não é do nosso interesse aqui. Para nós importa, pelo contrário, o que faz da ciência uma ciência, e isto não é, em todo caso, a conexão psicológica e real em geral ao qual os atos de pensar estão voltados, mas uma certa conexão objetiva e ideal que cria para eles uma relação objetiva unitária e, nesta unidade, também validade ideal.³⁹

A natureza ideal e pura da lógica husserliana faz retornar o conceito de *Geltung*, a validade, que se refere precisamente às conexões de verdades e à unidade objetiva correspondente. Como Lotze já havia antecipado, também Husserl percebera que a conexão de coisas, em seu sentido literal de “real”, não se identifica, embora se relacione, com a conexão de objetos ideais, em seu sentido de “puro” e “a priori”:

A efetiva existência das coisas e das conexões entre coisas se expressa nas verdades ou conexões entre verdades correspondentes. As conexões entre verdades, não obstante, são diversas das conexões entre coisas que nelas são “verdadeiras”; isto se evidencia imediatamente em que as verdades válidas acerca de verdades não coincidem com as verdades válidas acerca das coisas que são postas naquelas verdades. (...) Com isso – a abstração idealizadora – nós compreendemos a verdade como correlato ideal do ato fugaz de conhecimento subjetivo como a verdade única, diante da multiplicidade incondicionada de atos possíveis de conhecimento e de indivíduos cognoscentes.⁴⁰

39 No original alemão, “*Wissenschaft ist zunächst eine anthropologische Einheit, nämlich Einheit von Denkakten, Denkdispositionen nebst gewissen zugehörigen äußeren Veranstaltungen. Was alles diese Einheit als anthropologische und speziell, was sie als psychologische bestimmt, ist hier nicht unser Interesse. Dieses geht vielmehr darauf, was Wissenschaft zur Wissenschaft macht, und das ist jedenfalls nicht der psychologische und überhaupt reale Zusammenhang, dem sich die Denkakte einordnen, sondern ein gewisser objektiver oder idealer Zusammenhang, der ihnen einheitliche gegenständliche Beziehung und in dieser Einheitlichkeit auch ideale Geltung verschafft*”. HUSSERL, Edmund. *Logische Untersuchungen*. Erster Band: Prolegomena zur reinen Logik. Ed. Elmar Holenstein. Husserliana XVIII. The Hague, Martinus Nijhoff, 1975; Zweiter Band, Erster Teil: Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis. Ed. Ursula Panzer. Husserliana XIX/I. The Hague/Boston/Lancaster, Martinus Nijhoff, 1984. p. 171.

40 No original em alemão, “*In den bezüglichen Wahrheiten oder Wahrheitszusammenhängen prägt sich das wirkliche Bestehen der Sachen und sachlichen Zusammenhänge aus. Aber die Wahrheitszusammenhänge sind andere als die Zusammenhänge der Sachen, die in jenen “wahrhaft” sind; dies zeigt sich sofort darin, daß die Wahrheiten, die von Wahrheiten gelten, nicht zusammenfallen mit den Wahrheiten, die von den Sachen gelten, welche in jenen Wahrheiten gesetzt sind. (...) Wir erfassen hierbei die Wahrheit als das ideale Korrelat*

A concepção inicial de lógica em Husserl, tal como elaborada nas *Investigações Lógicas*, pode ser comparada à ética kantiana, no sentido de ser uma ciência autônoma que busca explicitar e fundamentar aspectos referentes à forma de sua própria natureza e de suas próprias leis, o que portanto significa que as leis de seu âmbito apresentam natureza descritiva e teórica, só acidentalmente assumindo caráter de leis normativas. Essa lógica é considerada como teoria da ciência, a estabelecer e clarificar conceitos, requisitos e exigências para teorias e ciências de um modo geral e a movimentar-se sobre verdades teóricas autoevidentes por si e em si mesmas (*Selbstverständlichkeiten*). Pode-se afirmar, em resumo, que a lógica husserliana é tridimensional:

Husserl reveals a complex and very broad understanding of logic as having a threefold task: first, it was a doctrine of the primitive apophantic and formal ontological categories and the laws combining them. Second, it included the connection of categories in terms of the laws of consequence understood so generally as to include both logic and arithmetic. Third, it included a theory of the possible forms of theory and the corresponding formal ontological theory of manifolds. Logic requires formal grammar (the rules governing meaningfulness as such), consequence logic (logic of inference, bound only by the principle of non-contradiction) and what he called 'logic of truth'.⁴¹

A lógica husserliana, assim, enquanto teoria da ciência, é uma tentativa, típica do contexto histórico em que está inserida, de explicitar e lançar as condições ideais de possibilidade das ciências particulares, às quais, no entanto, não se pode recorrer para nelas se fundamentar outras ciências particulares. As ciências particulares, limitadas justamente pelo particular e pelo contingente, não fornecem e não podem de modo algum fornecer fundamentos universais e necessários, sem os quais nenhuma ciência pode constituir-se em, nas palavras dele próprio, "ciência de rigor". A universalidade e a necessidade, resgatada por Husserl da epistemologia de Platão, apresentam-se como idealidade, como idealidade platônica.

3. CONCLUSÃO

O surgimento e o crescimento difuso da ciência moderna, fermentada por razões multifacetadas, levou a uma época de otimismo em relação à mecânica, do que foi efeito uma outra época, palco do materialismo, unificada pela empiria. Essa é tanto uma constatação como uma conclusão a que chegaram diversos autores, aqui nominados, segundo os quais os fenômenos estudados pelas ciências foram unificados pela via de sua naturalização. O enlevo causado por tal crescimento culminou na empiricização até mesmo de ciências que, até então, operavam com base

des flüchtigen subjektiven Erkenntnisaktes, als die reine gegenüber der unbeschränkten Mannigfaltigkeit möglicher Erkenntnisakte und erkennender Individuen." Id., 1984, pp. 172-173.

41COHEN, Joseph. MORAN, Dermont. *The Husserl Dictionary*. London: Continuum, 2012. p. 197.

em outra metodologia e em outras tipologias/categorias. Destacamos, como foco temático, a lógica. A lógica passou, usando terminologia kantiana, não apenas do tratamento de juízos analíticos para juízos sintéticos como também a ser considerada como uma ciência empírica ramificada da psicologia. Se o materialismo do século XIX foi um desdobramento natural e histórico do arrebatamento da ciência moderna, foi desdobramento daquele o psicologismo. A declaração de Giambattista Vico (1688-1744) de que “demonstramos as proposições geométricas porque somos nós que as fazemos”⁴² torna claro o liame entre épocas distintas ao tornar claros alguns dos problemas com que se vai ocupar a filosofia alemã a que pertence Husserl.

Nenhum avanço é linear e constante, sem sofrer com resistências e percalços. Embora não fosse infenso às ciências empíricas, Edmund Husserl foi um bom exemplo dessa “resistência”, matizada com colorido idealista. A despeito de reconhecer a importância das ciências positivas/particulares, e tendo ele próprio configurado sua lógica inicialmente como psicologia descritiva, Husserl percebera que a lógica não se cinge a uma técnica de dimensão prática/normativa e tampouco a um conjunto de leis empíricas constatadas pela psicologia. E Husserl percebera que a lógica não se subsume à psicologia porque conceitos e objetos puramente matemáticos e lógicos não se confundem com os atos mentais psicológicos e empíricos nos quais eles se dão.

Edmund Husserl, na esteira do platonismo de Hermann Lotze, não buscava, portanto, barrar o crescimento das ciências empíricas, ante o qual a filosofia acabara por entrar em crise. No contexto desta crise de identidade da filosofia, em que muitos tentaram reorientá-la no quadro geral das ciências, também Husserl tentava resgatar a grande mestra, dando a ela novos contornos e fundamentos e a colocando em lugar de destaque em um período de materialismo dominante. Apresentar os contornos e os fundamentos da filosofia e das ciências empíricas, distinguindo-as a partir de uma distinção anterior entre os reinos do ideal/imaterial e real/físico, evidencia-se na introdução mesma das *Logische Untersuchungen*, quando se faz referência a Kant: “*Es ist nicht Vermehrung, sondern Verunstaltung der Wissenschaften, wenn man ihre Grenzen ineinanderlaufen läßt*”.⁴³

42 ROSSI, Paolo. *O nascimento da ciência moderna na Europa*. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2001. p. 179.

43 O trecho final do segundo parágrafo das Investigações Lógicas se segue assim: “*Gerade bei den philosophischen Wissenschaften sind diese Gefahren beträchtlich, und darum hat die Frage nach Umfang und Grenzen für die fruchtbare Fortbildung dieser Wissenschaften eine ungleich größere Bedeutung, als bei den so sehr begünstigten Wissenschaften von I der äußeren Natur, wo der Verlauf unserer Erfahrungen uns Gebietscheidungen aufdrängt, innerhalb deren wenigstens eine vorläufige Etablierung erfolgreicher Forschung möglich ist. Speziell in Beziehung auf die Logik hat Kant das berühmte Wort ausgesprochen, das wir uns hier zu eigen machen: “Es ist nicht Vermehrung, sondern Verunstaltung der Wissenschaften, wenn man ihre Grenzen ineinanderlaufen läßt.” In der Tat hofft die folgende Untersuchung es deutlich zu machen, daß die bisherige und zumal die psychologisch fundierte Logik der Gegenwart den eben erörterten Gefahren fast ausnahmslos unterlegen ist, und daß durch die Mißdeutung der theoretischen Grundlagen und durch die hieraus erwachsene Gebietsvermengung der Fortschritt in der logischen Erkenntnis wesentlich gehemmt*

Essa distinção entre duas esferas, uma empírica e outra pura, tanto se segue como antecipa o platonismo que une Lotze e Husserl: uma concepção de lógica que se baseia em um domínio de natureza objetiva e ideal. O resgate de Platão no tardio século XIX, como ponto de partida de uma resposta à pergunta pela possibilidade de uma subjetividade em contexto materialista, resulta de um conflito entre a afirmação de uma objetividade ideal e uma visão mecânica de mundo. Resulta, portanto, do conflito entre materialismo e idealismo⁴⁴. O conflito entre materialismo e idealismo, no entanto, é uma constante, porque não caracteriza apenas o século XIX, mas também os séculos anteriores. Os séculos XVI e XVII, de onde parte e para onde retorna este texto, é também marcado por tal conflito, em que, na explicação do mundo, o idealismo assume feição platônica-pitagórica e o materialismo, feição mecânica.⁴⁵ Não menos constante que este conflito é o apelo a Platão em períodos históricos distintos e distantes – apelo este notado por Alfred North Whitehead, para quem “The safest general characterization of the European philosophical tradition is that it consists of a series of footnotes to Plato”⁴⁶ e com quem, em conclusão, ousamos concordar.

REFERÊNCIAS

BEISER, Frederick C. *Depois de Hegel: a filosofia alemã de 1840 a 1900*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2017.

CAPALDI, Nicholas. *David Hume: the newtonian philosopher*. Boston: Twayne Publishers, 1975.

CASSIRER, Ernst. *Das Erkenntnisproblem in der Philosophie und Wissenschaft der neueren Zeit. V. IV: Von Hegels Tod bis zur Gegenwart (1832-1932)*. Stuttgart: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1957

COHEN, Joseph. MORAN, Dermont. *The Husserl Dictionary*. London: Continuum, 2012.

DUHEM, Pierre. *Le système du monde, histoire des doctrines cosmologiques de Platon à Copernic*. 10 volumes. Paris: Hermann, 1913 a 1959

worden ist.” (HUSSERL, Edmund. *Logische Untersuchungen*. Erster Band: Prolegomena zur reinen Logik. Ed. Elmar Holenstein. Husserliana XVIII. The Hague, Martinus Nijhoff, 1975; Zweiter Band, Erster Teil: Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis. Ed. Ursula Panzer. Husserliana XIX/I. The Hague/Boston/Lancaster, Martinus Nijhoff, 1984, p. 22).

44 PORTA, Mario Ariel Gonzalez. *Psicologia e Filosofia. Estudos sobre a querela em torno ao psicologismo (Psychologismusstreit)*. São Paulo: Loyola, 2020. p. 81.

45 WESTFALL, Richard. S. *The Construction of Modern Science: Mechanisms and Mechanics*. New York: Cambridge University Press, 2009. pp. 1-2.

46 RICHARD, Krauft. *The Cambridge Companion to Plato*. New York: Cambridge University Press, 2010. p. 32.

FISSETTE, Denis. *Hermann Lotze and the genesis of Husserl's early philosophy (1886-1901)*. In: *Apeiron, Estudos de filosofia*, vol. 3, pp. 13-35. 2015.

HEIDEGGER, Martin. *Holzwege (1935-1946)*. Frankfurt a.M: Vittorio Klostermann, 1950

HUSSERL, Edmund. *Logische Untersuchungen. Erster Band: Prolegomena zur reinen Logik*. Ed. Elmar Holenstein. *Husserliana XVIII*. The Hague, Martinus Nijhoff, 1975; *Zweiter Band, Erster Teil: Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis*. Ed. Ursula Panzer. *Husserliana XIX/I*. The Hague/Boston/Lancaster, Martinus Nijhoff, 1984; *Zweiter Band, Zweiter Teil: Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis*. Ed. Ursula Panzer. *Husserliana, XIX/II*. The Hague/Boston/Lancaster, Martinus Nijhoff, 1984.

_____. (1913a) *Introduction to the Logical Investigations: a Draft of a Preface to the Logical Investigations*, ed. Eugen Fink, trans. P. Bossert and C. Peters, The Hague: Martinus Nijhoff, 1975.

JOLLEY, Nicholas. *The Cambridge Companion to Leibniz*. New York: Cambridge University Press, 1998.

NEWTON, Isaac. *Principia: princípios matemáticos de filosofia natural. Livro 1. 2*. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

PASCAL, B. *Pensées. édition présentée, établie et annotée par M. Le Guern*. Paris: Gallimard Folio classique, 1977.

PYLE, Andrew. *Atomism and its Critics: From Democritus to Newton*. Bristol: Thoemmes Press, 1997.

PIRES, Antonio. S. T. *Evolução das ideias da Física*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2008.

PORTA, Mario Ariel Gonzalez. *Psicologia e Filosofia. Estudos sobre a querela em torno ao psicologismo (Psychologismusstreit)*. São Paulo: Loyola, 2020.

_____. *Edmund Husserl: psicologismo, psicologia e fenomenologia*. São Paulo: Loyola, 2013.

_____. *Estudos neokantianos*. São Paulo: Loyola, 2011.

_____. *Brentano e sua escola*. São Paulo: Loyola, 2014.

RICHARD, Krauft. *The Cambridge Companion to Plato*. New York: Cambridge University Press, 2010.

ROSSI, Paolo. O nascimento da ciência moderna na Europa. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2001.

SMITH, Barry; SMITH, David Woodruff. *The Cambridge Companion to Husserl*. New York: Cambridge University Press, 1999.

TAYLOR, Charles. *Hegel: sistema, método e estrutura*. São Paulo: É Realizações, 2014.

VOGT, Carl. *Physiologische Briefe für Gebildete aller Stände. Zweite vermehrte und verbesserte Auflage*. Giessen: Ricker, 1853.

WESTFALL, Richard. S. *The Construction of Modern Science: Mechanisms and Mechanics*. New York: Cambridge University Press, 2009.

ZAHAVI, Dan. *Husserls Legacy*. New York: Oxford University Press, 2017.